

PRÓLOGO

*E*le está a lutar. A lutar pela vida — mas ela também. A água chega-lhe ao pescoço; tem sal nos olhos, água nos pulmões, e está a arfar, sufocada, sem conseguir respirar.

Ele tem o corpo firme, musculado e mais forte do que ela julgara ser possível, agitando-se violentamente debaixo de água como uma fera agri-lhoadada.

E enquanto se debate para não se deixar arrastar por ele, há duas coisas que ela sabe e que são aguda e desesperadamente verdade. A primeira: é ele ou ela, e se ela se soltar, será ela a afundar-se sob as ondas.

E a segunda: para matar alguém desta maneira, é preciso querer que a pessoa morra com toda a força do nosso ser.

A questão é: será que ela quer isso? Querirá ela que ele morra?

PARTE UM

A BONANÇA

15/02 — 02:13

Olá. Está aí alguém?

Capítulo 1

— **E**u não posso, repito, não posso ir para uma ilha deserta — disse eu.

Não levantei a cabeça para o Nico, que pairava nas costas da minha cadeira. Em vez disso, continuei a olhar para o ecrã do computador, tentando desvendar a folha de cálculo que tinha à frente. Uma coisa era certa: não havia dúvida de que os dados não mostravam o tipo de correlação que o professor Bianchi esperava que eu encontrasse quando me contratou. Era a minha terceira tentativa, e já não conseguia ignorar a sensação de peso no estômago. Havia alguma coisa que estava muito mal.

— Mas, Lyla, estou a dizer-te que é a oportunidade de uma vida. É *reality show*. Televisão baseada na *vida real*.

— Nem que seja a oportunidade do milénio, Nic. Não posso ir contigo. Como vou conseguir tirar férias? — Havia algum padrão que me estava a escapar? Talvez se juntasse os resultados anteriores? — Mas vai tu, não te prendas por mim. Fico a torcer por ti.

— Não ouviste o que disse? — perguntou o Nico, a súplica na voz agora misturada com um traço de irritabilidade. — Não posso ir sozinho. É um programa para *casais*. Lyla, não te peço muito, mas o Ari pensa que isto seria um passo decisivo para a minha carreira. Não volto a ter outra oportunidade assim. Sabes há quanto tempo ando a bater com

o nariz na porta, a fazer audições para tudo e mais alguma coisa... Isto podia ser aquilo de que preciso, a minha grande oportunidade.

Consultei a folha de cálculo do último lote de amostras, cliquei novamente para fazer o levantamento dos dados e, enquanto o gráfico se compunha, o Nico explodiu.

— Lyla! Por amor de Deus, estás a ouvir-me? Isto representa o ponto de viragem na minha carreira e tu não consegues desligar o portátil durante trinta segundos?

Inspirei fundo. Ouvi a voz da minha mãe ao ouvido: *Levanta a cabeça do telefone, Lyla...*

Guardei o ficheiro e girei na cadeira, ficando de frente para o meu namorado.

— Desculpa. Tens razão. Não estava a ouvir. Conta-me tudo como deve ser.

— É um *reality show* novo. O prémio não é grande coisa, porque tem um orçamento limitado para um novo canal de *streaming*, mas vai ser o programa original de lançamento e, se tiver audiência, pode dar-me uma visibilidade exponencial. Além disso, o Ari conhece o produtor, o Baz. Estudaram juntos na faculdade. O Ari diz que me pode fazer entrar pela porta dos fundos. Quero dizer, a nós.

— E, desculpa lá, qual é o conceito?

— Cinco casais numa ilha deserta. Formato eliminatório, com contagem decrescente ao longo de dez semanas. Não sei exatamente onde, o Ari disse qualquer coisa sobre a Indonésia, acho. É uma espécie de cruzamento entre *Ilha da Sorte*, *Ilha do Amor* e *Survivor*, em que os casais têm de se manter juntos para poderem continuar em jogo. Sol, areia, mar... vá lá, Lil! Estamos ambos a precisar disso. De umas férias decentes.

— Mas não são férias, pois não? Quanto tempo disseste que durava? Dez semanas? Quando começa?

O Nico encolheu os ombros.

— Não faço ideia, mas consta que têm pressa. O Ari perguntou como estava a minha agenda nos próximos dois meses. Disse-lhe que não havia nada que eu não pudesse adiar.

Suspirei.

— Lamento muito, Nico, a *tua* agenda pode estar vazia, mas a minha, não. É-me impossível pisgar-me durante o período restante do meu contrato, sabes bem que não posso. O professor Bianchi despedir-me-ia, e depois quem pagava a renda?

Não com o mísero pseudo-ordenado que ganhas como aspirante a ator e barista a tempo parcial seria o remate subentendido para aquela pergunta, embora eu não o tenha verbalizado. Mas o Nico abanou a cabeça.

— Mas, Lyla, aí é que está. Se eu entrasse, teria visibilidade a sério. Podia ser um nome residente no final da temporada. Talvez surgissem papéis para televisão, cinema, anúncios, e por aí fora. Seria dinheiro a sério e regular. Dinheiro que daria para *comprar uma casa*. Poderia aliviar-te um pouco. Vá lá, Lil, pensa nisso. Por favor?

Ele afastou o meu portátil e sentou-se na secretária à minha frente, estendendo-me os braços, e inclinei-me para que me abraçasse, pousando-lhe a testa no peito, num misto familiar de irritação e amor.

Eu amava o Nico, amava-o mesmo. E não era apenas por ser divertido, charmoso e extremamente atraente — ele era, sem dúvida, um oito ou nove, em comparação com o meu seis. Mas era também um otimista sem remédio, ao passo que eu era uma racionalista muito determinada. O hábito de se convencer de que todos os arco-íris terminavam num pote de ouro que o esperava pareceu-me encantador quando nos conhecemos, mas que começou a irritar-me ao fim de dois anos. Dois anos em que fui eu a pagar as contas, a tratar da papelada e, no geral, a fazer de adulta, enquanto o Nico andava atrás de oportunidades que, de alguma forma, nunca se concretizavam.

Isto parecia mais uma das suas fantasias, tal como o musical do *Crepúsculo* no West End, cujos direitos aparentemente ninguém comprara, e à semelhança do plano dele de se tornar um *coach* de atores no YouTube. Muitos dos seus esquemas não deram em nada, imensos programas foram cancelados antes do primeiro episódio e vários episódios-piloto nunca se estrearam. Mas se eu chamasse a atenção para qualquer uma dessas coisas, era a má da fita, a pessoa que negara ao Nico a sua oportunidade.

— Posso pelo menos dizer ao Ari que vais falar com os produtores? — perguntou o Nico, o seu hálito quente no topo da minha cabeça.

Fechei os olhos, sabendo que, se olhasse para ele, para os seus olhos castanhos de cachorrinho e para a sua expressão de súplica, estaria perdida. O que *queria* dizer era que, assim que os produtores me vissem e percebessem que eu não era a brasa bem apetrechada que procuravam, as hipóteses de passar da primeira reunião me pareciam reduzidas. Apesar de o *reality show* não ser o meu entretenimento de eleição, já vira programas suficientes para saber que havia uma determinada tipologia de concorrentes femininas, em termos físicos, na qual eu não me encaixava. O Nico, com o corpo tonificado de ginásio e o bronze de solário, era diferente. Ele encaixaria como uma luva no elenco de programas como *The Bachelorette* ou *Perfect Match*. Mas eu? Iriam eles olhar para uma cientista de trinta e poucos anos com os dedos manchados de roxo das proteínas em gel e uma linha vincada na testa de olhar para um microscópio, e pensar: *Queremos vê-la a correr na praia num biquíni minúsculo?* Pouco provável.

Por outro lado... Se isso nunca ia acontecer... Seria assim tão importante, conquanto me ajudasse a prender o Nico durante mais algum tempo? Depois, quando me rejeitassem, ou o projeto ficasse em águas de bacalhau, o tal Baz é que seria o mau da fita, e eu, a namorada compreensiva. Bem, pelo menos até surgir o esquema seguinte irremediavelmente ingénuo.

Abri os olhos, tentando pensar no que dizer, mas em vez disso o meu olhar desviou-se para o ecrã brilhante do portátil. Não conseguia ler os números, porque o Nico afastara o computador para a ponta extrema da secretária. Mas não importava. Eles estavam ali, e eu sabia. Inconvenientes. Incontestáveis. Impossíveis de ignorar.

— Por favor? — pediu o Nico, interrompendo os meus pensamentos e fazendo-me compreender que continuava à espera de uma resposta. Levantei a cabeça a fim de olhar para ele. Para aqueles olhos castanhos, adornados por pestanas impossivelmente longas, como um George Michael jovem. Senti dentro de mim algo a ceder... derreter-se. Oh, meu Deus, eu ia dizer que sim, e ambos o sabíamos.

— Está bem — concordei, por fim, com o rosto a transformar-se num sorriso relutante.

Durante um instante, o Nico limitou-se a olhar para mim, e depois deu um grito de alegria e levantou-me no ar, esmagando-me num abraço apertado.

— Obrigado, obrigado, oh, céus, *muito obrigado*. Amo-te, Lyla Santiago!

— Também te amo — respondi, sorrindo-lhe lá do alto. — Mas primeiro tens de entrar no programa, está bem? Por isso, nada de deitar foguetes antes da festa! Não quero que fiques desiludido se não te seleccionarem.

— Vou entrar — afirmou o Nico, pondo-me no chão e beijando-me com força nos lábios, uma mão em cada face, um sorriso tão aberto que lhe enrugou o rosto bronzeado. — Não te preocupes com isso, Lil. Vou entrar. Vamos entrar. Como poderão eles resistir?

Olhei para ele, para o seu largo sorriso, os dentes brancos, o fulgor nos olhos escuros, e pensei, sim, de facto, como poderão eles resistir? Ninguém dizia que não ao Nico. Eu só esperava que o professor Bianchi fosse da mesma opinião.